

Jornal das Senhoras – Tomo I – domingo, 22 de fevereiro de 1852 - Edição 08

Link: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=66>

TOMO I – DOMINGO 22 DE FEVEREIRO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

MODAS

Um artigo de modas em Domingo de Entrudos! isso deve ser tão alegre e esturdio, tão leviano e indiscreto como o proprio dia. Que dizeis, minha querida Redactora?

De mais a mais eu não concedo que o titulo - ARTIGO DE MODAS - absolutamente me feche em um circulo unico e me obrigue a falar somente das sedas, das cassas, dos vestidos, dos chapéos, dos penteados e dos tentadores colletes de emancipação, que por ahi fazem do nome um *Tú-tú para metter medo as crianças*, quando a moda é tão linda e arrebatadora que em muito pouco tempo havemos de ver colletes por todas as ruas, cantos, becos, travessas, largos e praças; na forma do antigo costume, já se sabe.

Não, minha querida, a nata da moda saborearemos em dias mais tranquillos. A moda do Domingo gordo é outra rapariga, parente muito afastada d'aquella: esta cá é trêfega, desinquieta, pirracenta, experta, nada lhe está bem, cousa alguma a agrada por muito tempo; quebra! corta! pula! ri-se! molha e corre! E *de cabo*,

Os moços ficarão perdidos

E os velhos todos zangados.

E' a moda em fim do Carnaval, e como tal merece os meus cortejos por muitos motivos; estou disposta, já agora, de falar de todas as modas, até mesmo a dos *namorados modernos*; essa hade ser dividida em 3 capitulos e 4 quadros representando o estio, a primavera, o outono e o inverno da vida, assim Deus me dê tempo e paciencia... tenho pano para mangas!!

Desnecessario é dizer-vos que gosto muito de entrudo; com a vossa penetração já deveis ter acertado com este meu fraco; pois acertastes devéras. Sou uma douda pelo brinquedo dos limões de cheiro *bem cheirosos*; ora quando eu jogo o limão sobre as costas de algum sujeito conhecido que vae passando pela rua, desconfiado e a olhar para traz, e o limão faz - *póque* - bem em cheio!... dou gargalhadas a não poder mais. E se lhe acerta no chapéo e o sujeito trata

logo de tiral-o da cabeça para ver onde acertou, e nesse intervallo posso jogar-lhe outro, mesmo na calva!... Jesus quasi

– 58 –

morro de riso. São tres dias para mim de um prazer que eu não posso explicar! Só visto.

Eu só, divirto-me com todos, nem vós mesmo me haveis de escapar. Queres saber? são os dias em que eu salto as minhas contas, e pagão-me á vista. Todos, sem exepção de amizade, soffrem um logro, ou são molhados cá pelas minhas mãozinhas. Sou uma louca cobrando dividas de entrudo.

Embora digão cá na nossa terra (os homens dizem - que nos viu nascer, mas eu digo - que nos viu taes e quaes) que o jogo de entrudo é barbaro, barbaros são elles. No Brasil é onde menos barbaros são esses tres dias impagaveis.

Querem a Europa para exemplo! Pois não; vão ver o que por lá se passa nos dias do Carnaval. Andem, vão Snrs bigodes e barbas, observem; o que virão? façamos de conta que já voltarão, e sem bazofia. Virão punhados de confeitos, e entre elles alguns degraúdo calibre, atirado de cima para baixo e de baixo para cima das janellas (e isto é o mais delicado) se algum vem direitinho aos olhos, adeus meninas de meus olhos! Procissões profanas de um acompanhamento numeroso de homens e mulheres de todos os tamanhos, grossuras e marcas festejanod a Baco depois de jantar, tendo por andor uma pipa, que os maganões já esvasiarão, onde vae escarranchado o tuna de em carne e ossos, imagem viva do tal deus escorrupichador. Grandes comezanas, jantares sobre jantares, e depois, grandes indigestões, atrevidos estupores, fulminantes apoplexias; e os mais felizes ainda tem, passado os tres dias, o gosto de ferros velhos na boca e uma seccura... capazes de bebe toneis d'agua *doce*!

Isto é o que toca ao melhor, vamos agora á segunda parte - Jogo de laranjas verdes ou outra qualquer fruta pesada, que não seja algum coco da Bahia de que elles gostão muito por lá, atiradas por mãos robustas de uns sobre os outros homens, e muitas vezes sobre mulheres, que ficão pedindo a Deus misericordia; laranjas machachas de cera, cheias de farinha de trigo, vermelhão ou pós de sapatos, que uma só é capaz de acabar um pobre vivente, se o apanhar em cheio e descuidado! Sòcos, de arrancar olho pello e cabello, e mais outras coisas leves, assim como facadas, bofetadas, cabeças quebradas, olhos esburachados, etc, etc.

Mas deixemos cada um com o que é seu, minha querida Redactora; brinquemos segundo a róca e o fuso do nosso paiz; não nos tragão a Europa, por ser velha, para servir-nos de exemplo, porque ella nestes dias brinca e delira mais que o Brasil sendo criança. Vão, vejão com os seus proprios olhos, e voltem *fallando a verdade*.

Está claro, que estou fallando de gente de *meia tigella*, como diz o meu primo dos eclipses, da gente baixa do povo que forma taes costumes. E o que faz aqui essa gente? comparemol-a; antigamente ainda fazião alguma coisa, hoje paixão insipidamente, apenas um barril d'agua entornado da cabeça de algum preto, ou um pouco de polvilhos com que lhe besuntão os focinhos, causa muitas risadas na rua, e está acabado o entrudo para elles. Pó! coisa ruim.

Fallando então da gente fina e d'aquella que pode despender de dois mil réis para cima, é outra coisa, essa gente tem á noite os bailes mascarados, os quais este anno devem ser muito frequentados pela novidade de serem dados provisoriamente no campo de Santa Anna, em quando que o Theatro de S. Pedro ergue-se das cinzas, sacudindo-se ainda das faiscas que ha pouco o abrasarão, para offerecer pressuroso em 1852 a repetição das bellas e encantadoras noites de Carnaval que se passarão no seu vasto e brilhante salão em 1851!

E' mui curioso visitar os theatros nessas noites de prazer e de galhofa, e este anno sobre tudo que é bissexto; eu por mim não perco a visita, na forma do costume; sou fanatica por um baile mascarado em que ha muita gente, muito barulho, e muitas cousas exquesis; quanto mais esturudio é o mascara, mais me faz rir. E' pena que a maior parte dos mascaras que eu tenho visto no Rio de Janeiro não cuidem de representar bem o seu papel; em geral tomão vestuarios, somente porque são bonitos, sem consultarem o seu character, e por isso muitas vezes o sacrificio debaixo de uma mascara que lhe é impropria. Eu sempre tomei um *dominó* e uma pequena meia mascara de seda preta, não só por ser o mais adoptado, como porque debaixo destas vestes qualquer genio ou character vae sempre bem.

Heide contar-vos tudo quanto por lá vi de melhor, e as lograções que fiz e desfiz.

A proposito de lograções, vou contar-vos, aqui muito em segredo, as peças que estou

– 59 –

preparando para Domingo pregal-as mesmo na bochecha de certas e determinadas pessoas da nossa amizade.

A primeira pessoa que hade pagar-me (olá se hade) a conta que deve das massantes explicações que me tem dado, a respeito *dos papagaios de papel, em ponta grande*, é o meu primo *dos eclipses*; esse tem a primazia por ser o primeiro - Deus te salve - com quem me heide encontrar de manhã cedo. Não vos declaro o que tenho preparado para esse fim, para que elle não venha a saber: mas tarde sabereis.

O segundo é o meu medico de partido; receitou em todo o anno de 1851 sangrias e mistura salina somente, para toda a minha familia, e em paga de tão prudente receituario vou

presenteal-o com uma bem cheirosa empada ouca, recheiada de aranhas vivas e suas competentes têias, os mosquitos e as mosquinhas que ficarão presos também hão de ir - além do ordenado, que já lhe foi pago. O terceiro é um velho de velha amizade nossa, amigos de uns bocados e de jantar fóra de casa, porque diz, que a sua sala de jantar (ha salas assim) o afronta e tira-lhe o appetite. Faz muito bem em arejar. Como já lhe mandei o anno passado uns pastelinhos cheios de sal moido, elle ha de estar ressabiado, vou agora mandar-lhe fios de linha passados em gemma d'ovos, e já picados, para não dar com o logro; heide logral-o, porque não há coisa que mais perfeitamente imite um prato de fios de ovos delicados e appetitosos.

Tenho para o meu cunhado camarista uma peça... ora é uma pena que não a possa revelar; mas pena maior seria se elle não fosse logrado e eu perdesse o meu tempo; tende paciencia, que eu vos contarei depois

Ora, além destas peças, preparo outras, que mudão todos os annos, e que desta vez hão de ser as seguintes, as quaes vos revelo para, se vos der a tentação, também lançar-des mão de alguma: são todas ellas muito faceis de preparar e bem engraçadas; se o marmanjo é tolo, ainda melhor.

- Biscoutos *purgativos*, são tão bem feitos que ninguem pensará encontrar nelles um *destempero*. Vendem-se na rua do Hospicio.

- Pão-de-lo de caixinha contra vérmes: é até uma obra de caridade offerecel-os aquem mostrar pelos olhos que tem esse mal. Vendem-se na rua de S. Joaquim.

- Balas peitoraes feitas com pedacinhos de breo ou resina, pulverisados com canella e bem embrilhadinhas. Que logro!

- Algumas pimentas postas sobre um brazeiro e cubertas por cima com cinza, a um canto da sala, tendo o cuidado de conservar as janellas fechadas... isto só experimentado; é uma graça de fazer rir ás gargalhadas!...

- Huma frigideira de rolha queimada partida em rodellas; quem deixará de acreditar que são linguças picadas!

- Esta é uma das mais divertidas ao jantar: pega-se um frango e embebeda-se com duas colheres de sumo de aipo, depois depena-se, e com um pouco de assafrão da-se-lhe a cor de frango assado, deita-se um pouco de gordura queimada por cima, e vae para a meza o petisco, logo que a occasião for apropriada, chega-se-lhe ao bico um pouco de vinagre forte, e ahi vereis o frango, com ares de noivo da roça, a saltar por cima da mesa, pulando copos e pratos até escapar-se ao espanto e risadas geraes dos circunstantes.

- Doce d'ovos em calda de pimentas; palitos embebidos na agua das ditas; sal refinado por assucar; tudo isso vou pôr em pratica nestes tres dias; não me ha de escapar camarão pela malha e heide brincar, como sempre, douda pelo jôgo de entrudo. O que lhe havemos fazer!

- Neste momento estou ouvindo o meu primo dos eclipses dizer na sala, que foi visitar a caza da Sra Luigia Balestra, costureira veneziana na rua da Carioca n. 118; e que ali encontrará lindos dominós e costumes de qualquer época, alugados ou vendidos por preços rasoaveis; está tão influido, que me faz rir às gargalhadas.... ora vou fazel-o ficar ainda mais tonto do que elle o é. Fechemos aqui este *senhor* artigo, e vamos á sala.

Catette, 20 de fevereiro.

Linguagem das Flores.

(Continuação.)

ROSA BRANCA.

SILENCIO.

O mysterio é o maior encanto do amor.

Os gregos fizeram da rosa o emblema da juventude; e debaixo deste ponto de vista a consagrarão á *Dea-rosea*, *deusa com dedos de rosa*, como dizião os antigos poetas - á Aurora.-

- 60 -

Como emblema da belleza era consagrada a Vennus, e a dedicavão a Cupido, quando era o emblema do amor: depois ás Graças quando estas acompanhavão o filho de Venus.

E' bem natural que a flor da juventude, da belleza e do amor tenha alguma relação o mysterio. Frequentemente vemos HARPOCRATE, *Deus do Silencio*, representado com uma rosa na mão; eis a razão. Um dia surpreendeu elle o Amor, que se esquecia da sua divindade nos braços de uma joven e bella Nympha. O Deus da Voluptuosidade para o obrigar ao silencio o presenteou com uma *rosa branca*.

Rosemberg julgou que a tradição d'esta antiga fabula dera origem entre os povos do Norte da Europa a certo costume mui singular.

"Quando querião conservar no mais profundo segredo o que se passava entre elles durante a alegria dos festins, penduravão no tecto, por cima da cabeceira da mesa, uma rosa colhida de fresco. Era não só desonra, mas até crime sem exemplo, revelar o que se dicesse ou tivesse passado em presença da rosa."

ROSA AMARELA.

INFIDELIDADE.

O HOMEM PERSUADE-SE *que pode ser infiel e constante ao mesmo tempo.*

Fez-se da rosa amarella o emblema da infelidade, por causa da côr que é, como se sabe, a dos amantes trahidos. Este genero de perfidia, tão mortificante para um coração sensivel e cheio de amor, inspira pouca piedade para com aquelles, que são victimas d'ella, e ainda por uma leviana injustiça os cobrem de ridiculo. Por outra injustiça igualmente singular os homens mais amantes, os mais delicados, aquelles mesmos, que rigorosamente exigem, que uma mulher evite ás mais pequenas apparencias de leviandade, esses mesmos digo, persuadem-se que a infidelidade lhes deve ser perdoada em compensação de sua constancia.

(Continua.)

CHRONICA DOS SALÕES.

Na semana passada tivemos os primeiros movimentos da nossa proxima epochados bailes; os primeiros batedores apparecerão annunciando-nos essa bella estação cheia de prazeres e encantos, e já nos offerecerão as deliciosas provas d'esse phantastico Eden da côrte.

A SOCIEDADE RECREAÇÃO CAMPESTRE deu o seu primeio baile em anoite de 27 do corrente, como sempre, alegre, animado, e bem diregido. Se me fosse permittido ser mais extensa, eu descrevera a graça de uns lindos olhos que vi, e o bom-tom de um diaphano vestido azul, aberto no peito, ao molde do ultimo figurino que apresentastes. E' uma das interessantes bellezas do baile campestre.

A PHILEUTERPE deu sua reunião concertante em 28; esteve completa e brilhante. As vozes d'aquelles anginhos de candura cada vez me agradão mais, e não sei... está me parecendo que em breve será a Phileuterpe a primeira das nossas reuniões, no seu genero.

A Sociedade de BENEFICENCIA PORTUGUEZA, offereceu-nos um baile abundante e bem servido na noite de 14, ao qual assistirão 2,955 pessoas. Este baile, todo comsagrado em favor do louvavel titulo que a sociedade tomou, deu vantajoso resultado a sua expectativa, pois tendo ella despendido grandes sommas para em tudo se tornar brilhante e pomposa a sua reunião, ainda lhe ficou em caixa consideravel colheita, com a qual muito desejamos que a Sociedade prospere, assim como todas as outras deste genero, que levão pressurosas o alivio ao entermo e a consolação ao desvalidó.

Consta-me que o Snr. Her Alexander pretende dar a sua ultima representação em favor da Sociedade BENEFICENTE ALEMA, Fazemos votos para que se realice mais esse acto de beneficencia popular; e desde já dirijo os meus cumprimentos ao Snr. Her Alexander.

Estrella.

POESIA.

Meu vegetar - quem mederá?
Quem me dera meu - ser planta!
Vivera, morrera um dia,
Não sentira, não - dôr tanta!!!

GLOZA

Emblema da perfeição!
Typo do bello ideal!
Tu és meu bem, és meu mal,
Minha vida e perdição!!
Possuia um coração.
Que já coração não era;
Tua belleza o fizera
Arpejar canções de amor!
Hoje que todo elle é dor...
Meu vejeter - quem me dera?

JORNAL DAS SENHORAS

LUNDU.

[ilegível]

Piano

Allegretto

Ya ya sinha venha ca, meu bem Venha matar sem ba.

Ya ya sinha vem cá, meu bem

Venha matar seu ba-

bô zo Mas não mate elle to-do meu bem Com

bôzo Mas não mate elle to—do meu bem, Com

seu men-dengue mi_mozo. Mendengues fé-ta-dos De minha si-

seu men-dengue mi_mozo. Mendengues fé-ta-dos. De minha si-

nhá. Pimentas de cheiro. Bô-los de fu-bá. Tudo isto me-

nhá. Pimentas de cheiro. Bô-los de fu-bá. Tudo isso me-

xi do Por mão de si nhá Qual será o de monio Que não come

xi do Por mão de si nhá Qual será o de monio Que não come-

ra? Tu do isto me chido Por mão de si

rá? Tu do isto me chido Por mão de sin-

nhá Qual será o de monio Que não co me - rá.

nhá Qual será o de monio Que não co me rá.



*Môa toda a sua raiva _ meu bem,
Eu sou seu almofariz.
Machuque bem machucado
Me quebra bem o nariz.
Eu já escamei o peixe.
Os temperos já botei.
Tudo ficou bem lavado.
Os alinhos já esfreguei.*

– 61 –

Não sofrera, nem sentira,
Nem amor, nem seus tormentos!
Era planta exposta aos ventos;
A chuva, o sol me nutrira,
Uma planta não suspira!
Não sente efflúvio que encanta;
Não vê beleza que espanta!
Como é bello! Nasce exerce,
Vejeta, murcha e perece!!
Quem me dera, meu - ser planta!

Mas, não, ser planta não quero!
Quero sentir, ter ardor
Viver de tu... teu amor...
Sereis minha... ainda espero!

F lena, o destino fero
P'ra mim sí tem tyrannia!
Uma feita eu resolvia
Meu passado e, por mais lida
Achei que uma vez na vida
Vivera, morrera um dia;

Mas vida e destino assim,
Céos, eu não heide ter mais!
Lembranças crueis - punhais
São que transpassão-me a mim!
És um anjo, és cherubim!
Pertences á tribú santa!
Mortal que teus mimos canta
Arde em fogo abrasador!
Se eu não tivera-te amor.
Não sentira, não - dór tanta!!

S....

CANÇÃO DE AMOR

Naquella espessa serra alcantilada,
Vou, Armia gentil, só habitar;
Sem ver teu riso, sem outir-te a vòs,
Quero acerbas saudades soportar:
Porque receio, ingrata, que te vendo,
No meu terno amor sempre crescendo.

Bem distante de ti n'esse retiro,
Vou ver si alivio encontro á minha dôr,
A essa dôr tão forte, ó bella ingrata;
Nascida d'um sincero e puro amor.
Talves que lá na triste solidão,
Socego possa ter meu coração.

D'aquella, que idolatro, e por quem morro,
Quanto me custa, ingrata, separar-me!
Mas quiz a desventura, quiz a sorte,
A' sua dura lei eu vou curvar-me:
Quanto soffre, é Armia, um coração,
Que só encontra féra ingratidão.
O' Armia gentil, porque despresa,
Aquelle, que por ti morre, e suspira?
A quem um riso teu mata de go to,
Aquelle, que por ti terno delira?
Abranda, barbara impia, esse rigor,
Não recuses, cruel, o meu amor,

Vou nas matas viver, e lá morrer,
Ao suave prazer da natureza;
Vou no deserto procurar socego,
Que jamais encontrei junto á bulleza;
Feliz, se m'e esquecer d'essa tyranna,
Que sempre foi comigo desumanna.

A.

Rui, 2 de fevereiro de 1852.

MISTERIOS DEL PLATA*.
ROMANCE HISTORICO CONTEMPORANEO

Com o mundo começou uma luta que só
com o mundo mesmo acabará, não antes:
a do homem contra a natureza, a do espirito
contra a materia, a da liberdade contra a
fatalidade. A historia não é outra coisa que
a relação desta interminavel luta.

DOIS MALVADOS.

A lua serena e luzente, mostrava-se n'aquelle momento, limpida e pura, despida das nuvens que ha pouco a embaciavão por instantes; seu clarão argentava as mobvedanças vagas, e parecia luzirem mil brilhantes por entre a nitida espuma dos que vinhão quebra-se com estrondo do encontro ás pedras do Cáes.

Dois homens com passo vagaroso, chegavão de pontos oppostos, ao espaçoso passeio do Cáes: o alto embuçado, que seguimos desde a PraçaMaior, deitou o embuço da capa para traz. tirou o chapéo, passou a mão gelada pelo humido cabelo, e, suffocando com um suspiro, mormurou levemente estas palavras.

- Ja esta feito!

Depois tornou a pôr o chapéo na cabeça, e sentando-se nos degráus da escadaria, encostou o rosto na mão e ficou abstracto por alguns segundos.

Era este individuo um homem de seus 40 annos de idade, moreno bronzead, com graudos bigodes pretos, grandes olhos de côr incerta, e rosto enxuto; sem ser bonito não podia em justiça chamar-se-lhe feio; com tudo, sua testa estreita e deprimida tinha o cunho da audacia, da crueldade e da estupidez: a parte do cerebelo saliente em extremo apresentava as boças da persistencia e o desenvolvimento de todos os instinctos da destruição e do desenfreno mais completo,

Eis o retrato do General Oribe, tal como elle era ha 14 annos: quando era Presidente da Republica Oriental do Uruguay.

O outro individuo, que ali se achava tambem, ficou em distancia do Presidente: e tirando da sua algibeira um phosphoro acendeu um charuto, e poz-se a fumar, tão fresco e descansado, como se não tivesse tomado parte al-

Vêde os numeros 1,2,3,4,5,6 e 7.

guma no sanguinolento *brinquedo*, que acabava de enviar um homem ao hospital.

Esta personagem era um desses homens que não faltão no mundo; ninguém conhecia sua origem ou patria; fallava todos os idiomas , e por isso mesmo não fallava nenhum bem.

Tinha estado em toda parte, tudo tinha visto e conhecida todo o mundo; prompto a ganhar dinheiro, era espia, assassino ou ladrão, sempre que fosse para os outros; elle de per si,

ou para si mesmo, nunca teria tido tanta coragem. Em fim era uma creatura inclassificavel, porque não existe uma palavra de desprezo para designal-o na lingua dos homens.

Tinha este sujeito uma cara beata, ou jesuitica, como vulgarmente se diz, e o unico sinal que o differençava entre a turba, era uma indelevel nodoa vermelha que tinha no meio da testa,

Aquella nodoa estava ali, como um sello da predestinação d'aquelle, que só tinha para os outros homens a adaga de Caim nas mãos e um odio acerbo no coração.

Passado alguns minutos o presidente rompeu o silencio em que estavam.

Chega para aqui mestre; estou contente contigo; apossaste-te já dos seus papeis, e agora já não tens mais de ir para bordo içar velas.

O homem da nodoa vermelha olhou para a lua, lancóu algumas fumaças para o ar, cuspiu, tussiu, e por fim tirando o seu boné de pelle de mono, começou a viral-o entre as mãos, sem dizer palavra.

- O bote está prompto? perguntou o Presidente,

- Sim senhor, respondeu o outro.

- E porque não partes? o tempo urge, o vento é bom, aproveita-o fazendo-te de vela.

E pondo-se em pé, Oribe se dispoz a partir.

O homem da nodoa vermelha não de mexia continuando a fazer girar o seu bone entre as mãos: enfim deu um passo para aproximar-se do seu interlocutor e estendendo a mão disse-lhe.

- Cumpri o meu contracto com V.E. porém antes de partir quero receber as cem onças, que foi o preço que estipulamos.

Os seintillantes olhos do Presidente despedirão raios, e com voz mal segura de colera; respondeu-lhe:

- Vae; seras pago em Buenos-Ayres; esse preso, a quem interessa, não é a mim, é ao Restaurador Rosas.

- Nada, não sei disso, nem quero saber. Eu tenho contas com V.E.. Cumpri a minha promessa que era inutilizar o Patrão da Sumaca, apoderar-me dos seus papeis, já o fiz, agora toca-lhe a V.E. Eu sem receber o comquibus não...

- Não te mexas d'aqui! interrompeu Oribe.

O homem da nodoa vermelha fez um aceno de affirmativa.

- Muito bem, continuou o Presidente, aqui tem cincoenta onças; o resto recebel-o-has por meio d'esta letra á vista; e immediatamente entregou-lhe um rolo de dinheiro e um papel.

O outro recebeu, e sentando-se por sua vez, principiou a contar as onças,

Um tremor convulsivo percorreu o corpo todo do General Oribe.

- Estás satisfeito? perguntou com voz rouca onde sua mal comprimida colera se revelava!

O bandido poz-se de pé, e entregando-lhe o papel dice:

- Não quero papel, quero *ouro*!

- Já te dice que é uma ordem que tem a minha assignaruta; repetia Oribe tremendo de furor.

O homem da noadoa vermelha permanecia na mesma posição, com a mão esquerda apresentava a Oribe a sua *letra á vista* em quanto que a mão direita perdia-se na algibeira da sua larga japona.

- Não vou para bordo sem o dinheiro; suppondes que sou algum doudo para confiar-me de V.E. nem do outro general!..

Veloz como o raio, Oribe levantou o braço armado de um luzente punhal sobre o peito do assalariado assassino, mas seu braço cahiu desmaiado sem tocar-o... O cano de uma pistola descansava mortífera hoca sobre o coração do Presidente!

Occultando de novo o punhal, Oribe mastigou a letra que lhe era recusada, e tirando outro cartucho de onças o entregou ao assassino, sem lhe dizer palavra.

O tratante o guardo acrescentando depois:

- Estou prompto; de-me V.Ex. as suas ultimas ordens.

- Parte sem mais demora; vae-te!

- Sem enfado, Sr., até mais ver.

— 63 —

O homem da nodoa vermelha afastou-se; e Oribe fucou só, em pé na borda do cáes.

Os remos de um bote baterão na n'agua, e uma voz robusta, porém aspera, cantava firme a barcarola veneziana;

"um pescador sull'onde, etc., etc."

Ao longe baterão onze horas.

Os *Serenos* repetirão a hora com vozes já tristes, já roucas, já sonoras: e um - Sentinella! alerta! veio com moribundo écho até os ouvidos do General Oribe!

Escarneo!

Vigilante, com a espingarda ao hombro, velava o soldado pela segurança e a ordem publica! já que infelizmente a lei é symbolisada pela baioneta nos nossos paizes!

Escarneo!

O chefe da nação, aquelle que devia ser o primeiro a respeitar e cumprir as leis, acabava de as violar atroz e escandalosamente!!!

Uma hora decorreu!

Oribe, com os braços cruzados sobre o peito, olhava diante de si sem ver...! a lua illuminando em cheio o seu rosto fazia-o ainda mais pallido.

Meia noite!

O sino marcava lentamente uma por uma das suas badaladas no silencio da noite; os *serenos* repetião a hora ao longe, ouvia-se "alerta estou!"

Barulhos de correntes que suspendião o ferro, e aquelle canto monoto e triste, que e to o marujo, quando sahe do porto, chegou aos ouvidos do Presidente.

O silencio tornou de novo com seus confusos ruidos da solidade: á claridade da lua devisavão-se as brancas velas de um barcozinho que, impellido pela briza terral, cortava com rapidez a superficie movidiça e prateada do mar.

Um longo foguete, lançado de bordo do barco, espalhou no ar suas instantaneas contelhas inflamadas, e depois apagou-se nas ondas.

- Já está feito! murmurou o Presidente - e tornando-se a embuçar na sua capa, come;cou a afastar-se rapidamente, bem como aquelle que quizesse fugir de si mesmo.

Pela parte opposta a aquella pela qual caminhava Oribe, chegavão ao caés dois homens: um d'elles trazia a cesta amarrada e apoava-se com força no braço do seu companheiro; seu andar era vacillante, e tudo nelle revelava que só era sustentado pelo esforço supremo da soberana vontade do homem!

Chegados ao cáes lançarão seus olhares ao fundeadouro, e verão perfeitamente o barcozinho que parecia voar sobre o mar, como a branea gaivota por entre os juncos da lagôa.

- *La Francesca!!!* exclamarão ao mesmo tempo os dois homens.

- Traição! traição! gritou Lostardo, que o leitor terá facilmente adivinhado ser o homem da testa vendada; e extendendo os braços em direcção ao barco, parecia querer precipitar-se no mar e alcançal-o nadando; porém a expressão mais alta do esforço sobrehumano da nossa vontade, tem seus limites, que não é possível ultrapassar. Lostardo tocava esse limite mysterioso, onde a força phisica e moral do homem é aniquilada pela sua propria natureza finita; exhausta da coragem e abandonado o espirito, o marujo cahiu de novo sem sentidos, nos braços do seu fiel camarada.

No meio de uma espaçosa praça, formada por um claro do bosque, achava-se postado, com a sua gente e o gaúcho Miguel, o nosso illustre Juiz de paz do partido do Baradeiro, que esta vez havia suspendido as balanças de Minerva n'algun canto da sua *estancia*; e empunhando o cutelo do carrasco representava o papel de *algazil*, não do Santo Officio, mas sim da *Santa Casa da Feáeração*.

Como uma blasfemia ao Santo dos Santos, como uma horrenda parodia d'aquelle que selou os dogmas santos do christianismo com seu sangue e seus martyrios, aquelles que mais sangue de seus semelhantes derramarão, sempre escudarão suas maldades com o nome dos Santos!

Como foco eterno de escandalo, de usurpação e discordia, um *Santo Padre* verteu torrentes de sangue humano; a Cruzada Albigense e essas longas e atrozes guerras de religião, onde o delirio dos frades pretendia, á força de hecatombas sanguinolentas, apagar a tocha divina da intelligencia humana! desmanchar a obra de Deus! dizer ao homem "não penses escravo da igreja" reduzir ao zero a suprema verdade do *livre alvedrio*, presente da bondade do creador; e por fim sustentar de seculo a seculo essa interminavel luta, na qual a ambição de um punhado de homens pertendeu arrancar á humanidade inteira seus direitos, suas tendencias e seu FUTURO!

A Santa Inquisição que, no meio das mais

– 64 –

barbaras torturas, sem respeitar idade nem sexo, tantas vezes arrancou blasfemias e tremendas maldições dos corações convulsos dos martyresw! maldições imponentes contra o Deus que impassivel deixa perpetrar, em seu nome e para sua gloria, os crimes mais nefandos; os attentados mais espantosos, sem que um raio vingador reduzisse a cinzas os monstros que assim escarnecião da divina bondade do Eterno, invertendo sua incansavel misericordia em perpetua sede de carnificina e sangue!

A Santa Alliança! monstro de mil cabeças que engolia povos inteiros em um dia, e cujos barbaros soldados não respeitavão, nem o *cadaver* das virgens que immolavão!

A Santa Alliança! em cujo seio formigavão os mais *nefandos homens*, os frades mais hypocritas, e cujo negro estandarte deixava apoz de si larga estrada de caveiras e fumegantes ruínas!

E pofim! depois de todas estas *santas coisas* que alagarão de sangue a Europa, veio a *Santa Caisa da Federação* dizimar as jovens sociedades das verdes margens do Plata!

Divididas em grupos, a gente do Juiz de Paz, alguns jogavam as cartas sentados sobre a relva, com as pernas cruzadas ao modo Oriental; outros ao redor das fogueiras assavam gordas costellas e grandes pedaços de carne com *couro*; outros de vigia na margem do rio fingiam rachar algumas arvores, cujos troncos verdes repellião o machado, pouco amolado que procurava derribalos.

Miguel, com os braços cruzados sobre o peito, via correr a rapida e silenciosa corrente, e seguia com o pensamento até onde ella forma o grande Rio da Plata, cuja vista tanto admirára em Buenos-Ayres, e que ali parecera ao aventureiro jovem, semelhante a um vasto oceano.

O Juiz de Paz, com as mãos na algibeira da japona, fumava, um sobre o outro, seus puros correntinos e passeava em silencio; porque os homens investidos do emprego de *Juizes*, imaginava elle, que não devião *confundir-se* com os outros homens.

(*Continua.*)

Sentimos vivo prazer em annunciar ás nossas Assignantes a chegada da Sra D. Nizia Augusta Floresta, brasileira, tão conhecida entre nós pela sua intelligencia e illustração; tão respeitada pelo seu longo magisterio, há 16 annos, empregados com desvelos na educação de suas patricias; e tão louvavel e digna de nossa admiração por sua dedicada constancia ao amor da sabedoria e ao engrandecimento de sua patria. A Sra. D. Nizia estava ausente de nós ha dois annos e meio, viajando neste intervallo a França e a Inglaterra, onde visitou os melhores collegios de instrucção, os mais abalisados litteratos, e senhoras illustradas; e ultimamente esteve em Portugal, donde voltou a nossos braços, admirando os Herculanos, Garrets, Castilhos e outros varões respeitaveis na sciencia.

Está pois entre nós a Sra D. Nizia, demo-lhes um abraço de viva amizade e gratidão, em nome do nosso sexo.

Por impordavel descuido do nosso lithographo vierão alguns erros no romance francez que publicamos com o ultimo n. deste jornal, por isso apressamo-nos em retifical-os publicandos seus versos todos.

Oh souvenir rempli de charmes

Souvenir du premier amour!

Tu m'as bien fait verser de larmes;

Mais il est passé sans retour.

Si je pouvais la voir encore
Comme une rose du printemps,
Je lui dirais: - Ah! je t'adore;
Je suis le meilleur des amants.

Sa bouche si rose, et si belle
Me répétait qu'elle m'aimait
Que sa flamme était éternelle
Que notre amour était parfait.

Os dignos Redactores do Jornal - BEIJA FLOR - queirão aceitar nossas sympathias e a nossa consideração,

JORNAL DAS SENHORAS

Publica-se todos os DOMINGOS; o primeiro numero de cada mez vae acompanhado de um lindo figurino de melhor tom em Paris, e os outros seguintes de um engraçado landú ou terna modinha brasileira, romances francezes em musica, moldes e riscos de bordados.

Subscreve-se para este Jornal nas cazas dos Snrs. WALLERSTEIN e C. n. 70, A. e F. DESMARAIS n. 86, MONGIE n. 87, rua do Ouvidor; e na Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor, n. 20.

Toda a correspondencia é dirigida em carta fechada á Redactora em chefe a qualquer das cazas mencionadas.

PREÇO DA ASSIGNATURA: Por tres mezes, 3U000 rs. na corte, 4U000 rs. para as provincias.

Os trimestres contão-se em Janeiro, Abril, Julho e Outubro, e pagão-se adiantados.

Rio de Janeiro. - Typographia Parisiense, rua Nova do Ouvidor n° 20.